

Analfabetismo não é exclusivo dos países do Terceiro Mundo

Analfabetismo não é exclusividade brasileira ou sequer do Terceiro Mundo. Um relatório divulgado em abril pelo Departamento de Educação dos Estados Unidos (equivalente ao MEC) revela que entre 17 milhões e 21 milhões de americanos são analfabetos. É claro que lá o critério para definir analfabetismo é muito mais rigoroso. Em todo caso, numa amostra de 3 mil 400 pessoas a partir de 20 anos que se submeteram a um teste de múltipla escolha, com 26 questões extremamente fáceis, 13% acertaram menos de 20 respostas.

Nos Estados Unidos, trabalha-se com a noção de "analfabetismo funcional", um problema crucial revelado por uma pesquisa da Universidade

do Texas, 1977. Segundo a pesquisa, 14% dos americanos a partir de 18 anos não sabem preencher um cheque; 38% não conseguem identificar as características pessoais que atendem, por exemplo, às exigências e aos requisitos estipulados num anúncio de emprego; 26% não sabem onde está, no contracheque, a dedução da Previdência Social. Nada indica que a situação tenha melhorado desde a publicação da pesquisa.

A revista *Fortune* publicou em setembro uma reportagem mostrando que, também lá, dúzias de empresas estão assumindo a responsabilidade de alfabetizar seus funcionários, desde a GM e a Ford até a Polaroid e a Reynolds Tobacco. Segundo a revista, o processo de produção industrial

não comporta a semi-alfabetização dos funcionários, porque as mudanças tecnológicas se dão em ritmo muito acelerado. Lá, o trabalhador tem de estar apto para se reciclar diariamente.

A GM e a Ford são as grandes campeãs dos programas de educação de trabalhadores. De acordo com um contrato com o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Automobilística (UAW), a GM deve gastar anualmente mais que 200 milhões de dólares com esses programas. A Ford está disposta a gastar 120 milhões de dólares nos próximos três anos. Para a revista, o "analfabetismo funcional" dos americanos tem origem no fracasso da escola.